

MA - Conf.

Rio - 17 Set 2001



I PARTE - A GOVERNABILIDADE

Quando as acções monstruosas surgem, são mais exigentes as análises a fazer, mais urgentes as perspectivas a abrir, mais rigorosa a necessidade de clarificação de termos.

A governabilidade requer:

- a definição exacta dos dados e dos factos
- a capacidade de extrair dessa definição o que se chama em linguagem empresarial "the core business", a questão central ou, em termos mais filosóficos, o paradoxo lógico que é a própria definição de qualquer problema
- uma vez os dados em equação, a formulação de cenários possíveis
- a clarificação dos actores e mecanismos requeridos pela governabilidade
- a tomada de decisão na sede própria.
-

Pouco depois da queda do muro de Berlim um pensador indiano, fundador do centro de estudos do desenvolvimento, chamou a atenção para a paralização de propostas alternativas. Ele tinha razão.

Ficámos sujeitos à tirania da falta de alternativas. (Foi talvez essa verificação, muito mal compreendida e interpretada que terá levado a far-se de "fim da história"!)

O mundo ficou vazio ,
com a supremacia do que se chamou de "pensamento único", i.e., a simples manutenção e universalização do já conhecido.

Não se definiram objectivos,
não se analisaram com cuidado as estratégias necessárias
nem as finalidades últimas e as prioridades que elas requeriam. Fundação Cuidar o Futuro

É nesse vazio que ganham relevo as palavras de Gramsci:

*"O antigo definha,
o novo não consegue irromper;
neste interregno nascem os monstros."*



- a conf. Aqui no Rio sobre o ambiente e o desenvolvimento, a carta da Terra e a agenda 21
- a conf. Sobre os direitos das mulheres enquanto direitos humanos
- a conf. sobre a população e o desenvolvimento onde se decidiu que as decisões relativas à procriação pertenciam aos seres humanos e não aos Estados
- a conferência sobre as mulheres e as condições de igualdade, desenvolvimento e paz,
- a conf sobre a pessoa humana no centro do desenvolvimento social,
- as condições de habitabilidade para todas as populações.



Mas todas essas intenções, muitas solenemente assumidas por mais de uma centena de chefes de estado, **Fundação Cuidar o Futuro** foram engolidas pelo buraco negro de uma cultura rejeitando as suas referências éticas:

- cada pessoa guiada pelo seu individualismo, quando não hedonismo,
- cada país na defesa dos seus interesses próprios,
- a sociedade e a civilização na euforia da acumulação e do consumo e presas da erotização da violência.

Poucos se preocuparam em dar corpo a essa agenda.

- a segurança das pessoas como expressão da dignidade do ser humano de que nascem todos os seus direitos;
- o primado do direito e da justiça sobre a barbárie;
- a existência de estados que cumpram a sua função fundamental de repetir, defender e promover todos os direitos das suas populações;
- os mecanismos que impedem os actos loucos e assassinos?



Como é possível reflectir sobre a governabilidade quando nos acolhemos passivamente à sombra de um Estado a que chamámos de Estado-providência ou de um mercado que, na terminologia da ideologia dominante, se auto-regula e de que se fala como se de uma pessoa se tratasse?

Falávamos de governabilidade quando, com a década de 90, julgámos, pela série ininterrupta de Conferências das Nações unidas, que tínhamos aberto o caminho a uma agenda do séc XXI.

Pois não é certo que todas essas Conferências apontavam para uma ordem mundial mais humana?

- a conf, dos direitos da criança

II PARTE - A GOVERNABILIDADE DA GLOBALIZAÇÃO

Falei de um mundo já mudado mas que o horror do dia 11 e o que se está seguindo vem revelar. É particularmente verdade no que diz respeito `a possibilidade de governabilidade de um mundo atravessado pela globalização de todas as áreas da vida humana.

Distinção entre:

- o que é relativo ao mundo em geral, que interessa o mundo inteiro
- o que se aplica ao mundo como um todo como um conjunto



Assim a globalização aparece como:

- fenómeno novo, só possível pela transformação científica e tecnológica
- causa da possibilidade única de comunicação instantânea
- atingindo todos os sectores da vida humana e, em alguns casos, mudando a natureza desses sectores

As grandes áreas da globalização:

1. a própria comunicação, instantânea, o mundo em rede

Foi aqui que se inseriu a preparação do dial 11 - como impedir que se repita? Como controlar a Internet?? Propriedade intelectual? Limitação da privacidade da comunicação entre as pessoas?

Os conteúdos dos media, sobretudo TV devem ser regulados. Mas como resistir às audiometrias e ao desejo do lucro? (argumentação: o canal que só tem programas em português!!!)



2. A economia e as finanças

as primeiras áreas a aproveitar este progresso espectacular

Como regular este domínio?

Há vários mitos aqui.

O primeiro é o da auto-regulação do mercado. Delors: o mercado é míope.

Os mercados têm um carácter espontaneamente instável e caótico, em particular na produção agrícola.

A intervenção pública é necessária para:

- assegurar a regulação e ajustar a evolução dos preços
- assegurar a remuneração aos produtores
- garantir a manutenção da produtividade agrícola

Em cada momento de um sistema complexo há, como no-lo mostram os físicos, e especialmente Ilya Prigogine, bifurcações, nós, de onde podem surgir diferentes ramos.

São momentos de grande instabilidade.

E não é apenas o comportamento da Bolsa que o mostra. Pessoas de grande força moral e intelectual têm-no dito estes dias: "I am frightened." ("Estou apavorado.")



Um pequeno parêntesis para nomear o medo. As crianças perguntam aos pais e professores se no seu país os prédios altos vão cair. Desenham torres a serem cortadas ao meio por aviões. Quase só usam o preto para desenhar o que viram. Mas também os adultos, todos os adultos, exprimem, cada um à sua maneira, esse medo. É importante falar dele. É falando do medo que ele pode ser exorcizado. O medo é o sentimento normal perante a irracionalidade, o desvario do assassínio em massa, o total desprezo do ser humano que transforma passageiros inocentes de um avião em bombas humanas. A coragem que é pedida a toda a humanidade não é o esconder do medo mas a capacidade de continuar a vida sem a esvaziar de sentido, redobrando no empenhamento na luta contra tudo o que pode provocar actos tão inesperados e devastadores.

- civil, tanto simbolicamente como em termos de cataclismo maciço;
- a transformação da tecnologia do inimigo em armamento de destruição de milhares apenas através do acto simples de tomar de um avião;
 - logo no primeiro dia um perito em informações dizia que as possibilidades da high-tech, embora totalmente dominadas pelos highjackers, deram lugar ao high-concept
 - o compromisso de militantes em sacrificarem as suas vidas através de iniciativas por definição suicidárias.



A não-territorialidade acrescenta à vulnerabilidade do mundo moderno uma dimensão inédita e com a qual não sabemos como lidar.

Fundação Cuidar o Futuro

Ao referir-se a essa vulnerabilidade, Filipe Gonzalez (que em termos de terrorismo sabe, por experiência de que está falando) interroga-se num artigo publicado na 2,a feira:

"Será possível avançar pelo caminho da governabilidade desta nova realidade planetária induzida pelo fenómeno da globalização da informação, de economia, das finanças, e... agora do terror?"

transição. Ora **a transição diz respeito ao mundo inteiro.**

A tragédia do dia 11 assentou no que se pode considerar como o primeiro sinal dessa transição de âmbito global. Revelou-se a uma escala não imaginada a capacidade de pessoas, grupos, países até, se cruzarem, comunicarem entre si, estabelecerem sinergias nas auto-estradas do ciber-espaço e, a partir daí, constituírem verdadeiros "bunkers" imateriais.



O terrível pesadelo que o mundo tem estado a viver leva-nos de um domínio de "relações internacionais" que ligavam entre si os Estados e que se podiam realizar bilateral ou multilateralmente para um mundo de entidades políticas interdependentes em que figuram os Estados, as regiões, a comunidade internacional, e indivíduos e grupos sem lugar nem estatuto definido.

Estamos perante um sistema complexo planetário sem precedentes na história do mundo. Um notável pensador americano, Richard Falk, escrevia-me ontem que essa "novidade" do terrorismo se caracterizou por três elementos que se reforçaram uns aos outros:

- a mudança do terrorismo caso por caso como tática para um terrorismo como guerra contra a sociedade

nacional. (Ex:De diferentes países da Europa que continuam a falar unicamente da sociedade do seu país.)

A sociedade forja-se nas esferas conjugadas da nação/região/mundo.



As características de cada um destes níveis torna ainda mais complexo o sistema a construir.

Está em causa na governabilidade a atenção constante aos acontecimentos nesses três níveis e à sua permanente interacção. Só essa atenção permite a responsabilidade e a ética do cuidado, como já o intuíra nos anos 40 a grande pensadora Simone Weil.

Está em causa não uma política feita por políticos espectadores mas feita por homens e mulheres capazes de imaginar uma regulação internacional mais definida e mais transparente, mais controlada e mais eficaz, e, por tudo isso, mais democrática.

Vivemos num mundo de transição durante o período que se seguiu ao fim da Guerra Fria mas tivemos a ingenuidade de pensar que só os países saídos do comunismo é que se encontravam num período de

- a acção militar deve respeitar os princípios de qualquer acção armada:
- distinguir os objectivos militares e civis
- ser proporcional ao desafio encontrado
- apenas o necessário para alcançar os objectivo militar evitando sofrimento desnecessário.

Mesmo que conseguíssemos elaborar um plano completo, sabemos que não se pode ter à partida a certeza sobre cada aspecto e, ainda menos, sobre o resultado final.



Entramos claramente e à vista de todos, num mundo mudado na sua forma de encarar as relações entre os povos.

Se as manifestações populares, por um lado, e a análise de cada um dos aspectos da globalização, por outro, já requeriam uma nova maneira de olhar os fenómenos da sociedade global, o atentado do dia 11 tornou essa tarefa um imperativo.

Não é que o mundo tenha mudado subitamente nesse dia. O horror desse dia veio mostrar que essa mudança tem de ser re-orientada e que é urgente que o mundo encontre a liderança de que precisa.

Já não se trata apenas de relações entre Estados. A própria sociedade não se forja apenas no domínio

- (Aplicação desta grelha à situação actual:
- quem são as pessoas, quando nos falamos de 55 países quais são
- a natureza dos factos e das possíveis acções; em particular a clareza quanto ao carácter não religioso do atentado ... todas as religiões têm um ponto comum, a regra de ouro: "Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti, trata os outros como queres que te tratem". O suicídio anula a premissa fundamental desta regra de ouro.
- Temos visto ao longo dos dias desdobrarem-se vários cenários que, neste momento incluem a procura tão completa quanto possível da rede terrorista, o congelamento das suas contas bancárias, a determinação de quem vende armas aos terroristas - não esquecer que as armas entregues no início aos talibãs o foram pelos EUA para combaterem as tropas russas -
- Os actores devem ser neste caso as Nações Unidas, em particular o seu Conselho de Segurança, que são a sede de uma governabilidade democrática face a esta marchandage patética que está a ter lugar nas conversações com a administração americana. A NATO se vier a ter lugar deveria ser apenas a pedido das Nações Unidas por estas não possuírem um corpo militar capaz de fazer a paz mas unicamente de impedir a guerra;



Fundação Cuidar o Futuro